

Apresentação

*Renato Izidoro da Silva**

*Maria Beatriz Colucci***

*Karliane Macedo Nunes****

É com alegria e entusiasmo que publicamos o presente dossiê temático intitulado **“Cinema, interculturalidade e educação”** pela revista digital **“Tempos e Espaços em Educação”**¹. Os trabalhos que compõem este número têm como fundamentos as experiências dos autores no âmbito da pesquisa, extensão e/ou ensino, bem como em suas relevantes produções acadêmicas em torno do tema. Estamos, portanto, honrados com as colaborações enviadas ao dossiê na forma de texto acadêmico. Sabemos o quanto as atividades voltadas à produção escrita de ciência, filosofia e arte estão sustentadas ou então

* Professor Adjunto da Universidade Federal de Sergipe nos cursos de Licenciatura em Educação Física, de Pós-Graduação em Cinema e Narrativas Sociais e de Educação, campus São Cristóvão. Líder do grupo de pesquisa Corpo e Governabilidade: política, cultura e sociedade. Possui graduação em Educação Física: licenciatura pela Universidade Estadual de Londrina - UEL - (2004). Mestre (2007) e doutor (2011) em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Sua base interpretativa e metodológica nos contextos do ensino e da pesquisa tem início no estudo dos clássicos da filosofia antiga e moderna ocidentais, paulatinamente estabelecendo diálogos com a psicanálise, a antropologia e a neurociências de bases estruturalista, semiótica e pós-estruturalista.

** Possui graduação em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1995), mestrado (2000) e doutorado (2006) em Mídias pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. É Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe/UFS, atuando no ensino e na pesquisa na área de Cinema e Audiovisual, com ênfase em Fotografia e Cinema Documental. Faz parte do Núcleo Interdisciplinar de Cinema (NICI/UFS), e do grupo de pesquisa Laboratório de Pesquisa e Produção Audiovisual (LAPPA), onde desenvolve projetos de pesquisa e de extensão relacionados ao documentário contemporâneo e à autorrepresentação. É membro da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE), e da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM).

*** Doutoranda do Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade na Universidade Federal da Bahia, com pesquisa sobre produções audiovisuais indígenas. Membro da linha pesquisa em Cultura e Subalternidades, vinculada ao Grupo de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT – UFBA). Desde 2009 é professora da Universidade Federal do Amazonas. Possui mestrado pelo Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade (2008) e graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo (2003), ambos pela Universidade Federal da Bahia.

expressam um vasto campo de ações e trabalhos investigativos em que horas, dias, semanas, meses e anos são dedicados pelo docente pesquisador a fim de construir laços e lastros teóricos e empíricos responsáveis pela fundamentação de suas reflexões.

A presente proposta de coletânea reúne pesquisadores regionais, nacionais e internacionais atuantes em diversas áreas, campos e disciplinas de estudo e de intervenção, cujos objetos e temas abordados tocam e são tocados pelo audiovisual, em particular o cinema, em suas relações com a interculturalidade e/ou com a educação. Para além desse objetivo circunscrito à produção de uma obra coletiva, resultado de esforço autoral, construímos uma ação integrada entre o Programa de Pós-Graduação em Cinema (PPGCINE/UFS – mestrado), o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFS – mestrado e doutorado); bem como entre os seguintes grupos de pesquisa constantes na base corrente do CNPq: Corpo e governabilidade (CORPO-GOV)², Laboratório de Pesquisa e Produção em Audiovisual (LAPPA)³ e as linhas de pesquisa “Cultura e Subalternidades” e “Culturas e América Latina”, vinculadas ao Grupo de Estudos Multidisciplinares em Cultura (CULT-UFBA).

A proposta de trabalho encontra inspiração nos referenciais clássicos e contemporâneos do cinema, sobretudo no que tange suas articulações interdisciplinares. O cinema, enquanto reflexão e ação gregárias, demanda conhecimentos, técnicas, tecnologias, filosofias e artes das mais variadas genealogias teóricas e metodológicas, responsáveis por orientar o pensar e o fazer de seus realizadores, espectadores e críticos, potencializando, assim, abordagens interdisciplinares articulando cinema, cultura e educação. Nesse sentido, partimos de experiências em que o cinema se mostra enquanto prática integradora de outras artes, ciências e filosofias. Mais próximo da música e do teatro, a cinema não se realiza pela ação de um ator apenas. Embora sua idealização narrativa possa ocorrer na esfera íntima e solipsista de um ser humano, a exemplo da escrita de um roteiro ou projeto cinematográfico, sua realização implica a noção de obra coletiva. Ou, nas palavras de Aumont (2004, p. 239), em seu “O olho interminável: cinema e pintura”, o cinema se realiza em um espaço distinto do das outras artes, trata-se de

um lugar meta-artístico, pois reúne, de diferentes modos, em sua expressão, todas as outras seis artes clássicas e suas derivações: teatro, música, dança, pintura, escultura e literatura; mas a essas somando a arquitetura, os quadrinhos e a fotografia.

Um músico ou um autor podem compor suas obras “individualmente”; contudo, para ganharem o plano da expressão pública serão necessários corpos de músicos (orquestras) e de atores (grupo); não perdendo de vista toda infraestrutura técnica (humana) e tecnológica (máquina) responsável para sustentar a existência lúdica da ficção refletida nas imagens sobre o palco ou o écran. Uma pintura ou uma dança podem depender exclusivamente das ações – pinceladas e gestos – de uma só pessoa; muitas vezes dispensando quaisquer compreensão coletiva – senso comum – do conteúdo e da forma expressos. Por essa via oposta o cinema se aproxima do fazer científico em seu sentido moderno, que para Bachelard (1996), em seu “A formação do espírito científico”, sua marca é o controle socialmente racionalizado [não totalmente] das ações que apreendem ou produzem um fenômeno. Os antigos ateliês de artistas e laboratórios dos alquimistas, marcados pela inspiração solitária, não mais poderiam dar conta da ciência e da arte modernas lançadas no registro da alteridade pública – da república democrática. A objetividade tem como base uma intersubjetividade crescentemente compartilhada, retificada, reformada e estabilizada socialmente. A “[...] objetividade [está] fundada no comportamento do outro [...], o olho do outro [...] para ver [...] a forma do fenômeno objetivo” (BACHELARD, 1996, p. 295).

Manifesta-se um campo social – e/ou sociotécnico – de encontros cada vez mais ampliado, pois diversas ações vêm paulatinamente a ele se articulando direta ou indiretamente em sua produção, análise e interpretação; à maneira da participação do conhecimento acadêmico – universitário – nas obras cinematográficas, sendo a recíproca verdadeira. Por esse caminho, percebemos o quanto o cinema envolve, confia e devolve saberes oriundos de setores diversos das ciências; desde os conhecimentos da química, da engenharia de materiais e da programação de *software* voltados para os suportes

tecnológicos; passando pelas necessidades de técnicos treinados em inúmeras funções de produção; chegando ao antropólogo, ao filósofo, ao educador, ao historiador, ao comunicador, ao psicólogo etc. para melhor compreender as relações humanas que futuramente serão artificialmente pintadas dinamicamente na tela. Cada vez menos o autor ou o diretor se posicionam como centro cibernético da produção fílmica (como ocorria no “cinema de autor”), de modo que é crescente a participação e circulação rizomática das ideias e das ações cinematográficas.

O cinema é uma espécie de filho híbrido de todas as artes. Filiação tardia – caçula – ligada, mas despojada, em suas relações com as tradições de forma e de substância. Sabemos o quanto as artes se constituíram e se organizaram mediante a busca pelo método perfeito; o melhor método na produção de conteúdos e conteúdos; a estagnação, a última obra, a obra terminal, para lembrar das pretensões de Joyce com seu “Ulisses”. Ou mesmo os debates acerca da arte mais universal e completa dentre todas. Hegel elogiou a pintura; Schopenhauer, a Arquitetura; Nietzsche, a música; Deleuze, o cinema. Rebelde iconoclasta na horizontalização despojada dos valores das artes, o cinema integrou em sua produção e expressão artes que até então disputavam o *status* de valor universal ou representativo da Natureza, por meio da manutenção de seus hermetismos corporativos, pedagógicos, técnicos, tecnológicos e temáticos. Em uma mesma cena patética ou épica, o cinema rompe com a hipocinética ou estática das artes possibilitando uma composição temática pelo movimento de encontros estéticos – sensitivos.

Sobre isso vale lembrar da cena final de “Fitzcarraldo”, do alemão Herzog, em que surge sobre as águas amazônicas de um povoado ribeirinho um barco de madeira canga comportando, na condição de palco teatral, uma orquestra sinfônica de ópera; em uma expressão máxima da integração emotiva e estranha das artes – incluindo a arte da navegação, a cibernética grega (“Κυβερνήτης”) – com a Natureza e as humanidades até então veladas pelas representações artísticas paradigmáticas. Para citar um exemplo mais contemporâneo, “O abraço da serpente”, do colombiano Ciro Guerra, vemos uma referência

ao gramofone do sr. Fitzcarraldo, quando o pajé – velho – Karamakate orienta que o estrangeiro encontre sua música, ao som de um vinil reproduzindo uma sinfonia alemã então embrenhada na floresta atravessada à canoa, remos, braços e pensamentos sobre os leitos e margens dos rios. Paulatinamente as imagens artísticas, culminadas no cinema, rompem com os protótipos temáticos enquanto critérios do conteúdo verdadeiramente artístico. Por quantos anos a pintura não se limitou à “representação” da corte e da burguesia? Por quantos séculos as artes foram biombos das diversas realidades, em nome de uma suposta realidade platônica, modelar, matricial? Assim, o cinema não sofreu ou sofre as sanções vividas por um Sade. Quantas fotografias foram pintadas para que Atget fotografasse os becos de Paris? A genialidade de um Glauber moraria no Sertão, sempre encoberto por ideologias estéticas hegemônicas em suas representações?

As transformações das artes em meio as quais surge o cinema, parecem apontar para rupturas temáticas (conteúdos), pois mesmo que tendo de enfrentar o velho problema do realismo (ficção ou documentário – referente), trouxeram à tona faces da história da humanidade até então veladas pelos biombos dos grandes temas, dos temas universais e representativos: os heróis, os vencedores, as conquistas, os poderes, os lugares sociais privilegiados pelo ócio e o intelecto. Aumont (2004, p. 239) comenta que, definitivamente, o cinema nunca teve a pretensão de se transformar em arte de museu; esse como um lugar de representações sintéticas, exemplares, supostamente capazes de definir as coisas que essencialmente caracterizariam o humano (sem perder de vista as questões de gênero): seus feitos, produtos, obras, inteligências a serem exibidas a todos os seres humanos e não-humanos (extraterrestres?). O cinema escancara que existe história sobre a nudez; o sexo; a doença; o trabalho; o roubo; o crime; o selvagem; os bastidores políticos da sociedade. Levanta, pela sua potencia ficcional, verdades, acerca da humanidade, que a história excluiu de suas investigações e publicações textuais.

Com base nesse panorama, é uma honra contar com as presentes colaborações textuais, na forma de artigo ou

ensaio, abordando o cinema a partir de uma perspectiva multi ou interdisciplinar, com destaque para as possíveis interseções entre cinema, interculturalidade e educação. Para tanto, consideramos as produções audiovisuais contemporâneas resultantes de práticas e processos interculturais e que vem se constituindo como ferramentas políticas e de visibilidade para as diversas vozes historicamente silenciadas e marginalizadas pelo discurso dominante. As obras cinematográficas e o próprio fazer cinema envolvem pedagogias que diretamente implicam – modos, culturas, hábitos – comportamentos sociais e políticos. Seria o cinema o grande educador do século XX? Os filhos daquele século – e também deste – foram mais fortemente educados por seus pais ou pelo cinema (o rádio e posteriormente a TV)? Por esse caminho teórico-metodológico, este dossiê cumpre com seu objetivo de fomentar debates e reflexões que abordem as múltiplas possibilidades de interface entre produção audiovisual – com destaque para o cinema –, interculturalidade e educação.

Num contexto marcado por descentramentos em diversos níveis, em que se intensificam as interações discursivas e a dissolução de fronteiras, vale destacar as amplas possibilidades pedagógicas de tais processos e produtos, com o seu potencial de atuar como ferramentas de reflexão, criticidade e descolonização do pensamento. O dossiê está, assim, contemplado por trabalhos de diversas áreas do campo das Humanidades, especialmente aqueles que investem em perspectivas interdisciplinares e multirreferenciais da ação e do pensamento, com destaque para os estudos culturais, pós-coloniais e pós-estruturalistas. A coletânea temática apresenta textos nas formas de artigos e de ensaios derivados de pesquisas (concluídas ou em andamento) teóricas, documentais, experimentais, bibliográficas (estado da arte) ou de campo. As abordagens variam em suas metodologias, epistemologias, teorias, conceitos, técnicas, tecnologias; bem como em suas perspectivas éticas, étnicas, estéticas, linguísticas, políticas, históricas, econômicas e/ou comunicacionais. Didaticamente, o dossiê está dividido em três seções responsáveis por agrupar os trabalhos de acordo com suas proximidades temáticas. A primeira parte foi intitulada “**Cinema e relações inter-**

-étnicas e interraciais: políticas descolonizadoras”; a segunda “**Cinema, tradições e rupturas culturais na educação”;** a terceira “**Gênero, corpo e juventude nos espaços da subjetividade cinematográfica”.**

O dossiê está aberto, na primeira seção, com o texto “**As tradições racistas e antirracistas no cinema brasileiro do século XXI**”, de Jonathan Warren, que orienta um aprofundamento, por parte de acadêmicos e críticos brasileiros, acerca de afirmações centrais construídas por Robert Stam, que apontam para a situação crítica de que cinema brasileiro ainda é conivente com as políticas e representações racistas. Doravante, chama os trabalhadores da cultura – especialmente os cineastas – a intensificarem e radicalizarem nas produções antirracistas; a fim de alertar para a mudança do quadro político da sociedade brasileira. Na sequência, Kathryn Lehman nos contenta com seu “**Além da academia: mídia indígena como um recurso intercultural para desaprender a história do Estado Nacional**”, no qual evidencia uma crítica dirigida à história eurocêntrica como narrativa oficial acerca das generalidades e diversidades humanas. Apresenta a necessidade teórico-metodológica da construção de uma história compartilhada em que a história indígena e da perspectiva nativa possam ser apresentadas como resistentes ao Estado Nação enquanto fonte das verdades históricas; fundamento de toda a anulação dos direitos dos povos originários quanto às suas terras e recursos, isto é, vidas. A seção se encerra com o escrito de Aline Frey, “**Ativismo coletivo e descolonização midiática: uma análise comparativa das produções audiovisuais indígenas na Austrália e no Brasil**”, em que analisou produtos audiovisuais realizados por coletivos indígenas. Para tanto, elege, como universos empíricos, o canal público da TV australiana chamado “Televisão Nacional Indígena” (NITV) e o projeto brasileiro “Vídeo nas Aldeias” (VNA). As aproximações entre ambas as realidades considerou estéticas e políticas voltadas para a descolonização midiática.

No espaço da segunda parte, “**Cinema, tradições e rupturas culturais na educação**”, apresentamos o escrito de Licia Soares de Souza, “**Professor Lazhar, educação**

intercultural", em que tratou das interações interculturais de um ponto de vista semiótico implicado na dimensão cultural dos códigos linguísticos e não-linguísticos, tendo como cenário filmico uma escola básica canadense, em que se revelam os limites e as possibilidades na relação simbólica e afetiva entre um professor argelino e uma turma de crianças quebequenses. **"Imagens, narrativas e culturas infantis em "Abril despedaçado": Tateando um modo de olhar"**, prossegue a seção com a autoria de Michele de Freitas Faria de Vasconcelos, Marcos Ribeiro de Melo e Roselusia Teresa de Moraes Oliveira, que experimentou olhar e narrar infâncias no sentido de um pensamento voltado para a desnaturalização de verdades responsáveis por fixar a infância em certos estereótipos imaginários. Realizaram uma etnografia de tela sobre o filme "Abril despedaçado". A autoria dupla de Carlos Eduardo Japiassú de Queiroz e Maria de Lourdes Carneiro da Cunha Nóbrega gerou **"Registros híbridos: uma análise da estrutura dos filmes "O som ao redor" e "Recife frio", de Kleber Mendonça Filho"**. A problemática engendradora percorre as relações entre espaço (lugares sociais) e tempo (eterno retorno) como bases das narrativas que miscigenam ficção e documentário, na medida em que o cenário filmico é a mesma paisagem do espectador-cidadão – e da geografia nacional – que então reconhece as toponímias envolvidas na trama simbólica das películas; bem como as relações entre passado e presente geram sensações de causa, efeito e colateralidade. **"Cinema e educação para além do conteúdo"**, de Ronaldo Nunes Linhares e Éverton Gonçalves de Ávila, reflete sobre cinema e educação na formação de educadores, estabelecendo um diálogo crítico com nossas tradições pedagógicas e metodologias contemporâneas baseadas em recursos audiovisuais. O cinema é apreendido como uma espécie de educador cognitivo, devido aos seus fundamentos narrativos estarem pautados em tensões dramáticas com o poder de desestabilizar e reconfigurar sistemas culturais de pensamento na relação objetividade-subjetividade.

"Gênero, corpo e juventude nos espaços da subjetividade cinematográfica" reúne as seguintes autorias: Rodrigo Bomfim Oliveira, **"Cinema brasileiro contemporâneo e a juventude de classe média urbana: um**

olhar prospectivo", cujo campo de pesquisa envolve as problemáticas das representações do jovem no cinema brasileiro contemporâneo, especialmente nos filmes "As melhores coisas do mundo" (2010) e "Desenrola" (2011), considerando suas narrativas como expressões dos modos das relações sociais da juventude classe média urbana. Aquece os debates em torno da subjetividade afetiva em relação direta com as sociabilidades e seus mecanismos como gírias, músicas, roupas, saberes sobre o amor. **"Espaços possíveis, tempos esparsos: gênero, geração e território"**, de emanuella Leite Rodrigues de Moraes, investiga os percursos de personagens femininas no cinema brasileiro contemporâneo, especificamente nos filmes "O diabo à quatro", "Antônia" e "Sonhos roubados", tendo como eixo construção de realidades articuladas à esfera do desejo e seus laços com as questões de gênero, poder e território. Elder Silva Correia, Fabio Zoboli e Hamilcar Silveira Dantas Junior escreveram **"Clube da luta': entre a coleção e intensificações de sensações e a produção de um 'corpo sem órgãos'"**, sinalizando caminhos para a compreensão do corpo enquanto referência material e simbólica para as relações entre política e economia, uma espécie de relação de troca em que o objeto do negócio é a própria sensação.

Encerrando esta apresentação, relembramos que o periódico que aqui nos acolhe, anteriormente editado de maneira restrita a uma única seção destinada aos trabalhos recebidos por demandas contínuas, foi a partir do referido primeiro quadrimestre de 2014 que passou a ser organizada em duas seções: a) dossiê temático; b) artigos de demanda contínua; sendo que, a primeira coletânea versou sobre "Gênero e educação". Com base na lógica dos números temáticos, a revista seguiu abordando temas contemporâneos de modo a representar os debates social e academicamente mais efervescentes e atuais, como: "Educação e a corporeidade" (v.7, n.13, 2014); "Culturas digitais e educação" (v.7, n.14, 2014); "Pierre Bourdieu: da sociologia à educação" (v.8, n.15, 2015), com destaque para o texto do próprio Bourdieu, intitulado "Provação escolar e consagração social: as classes preparatórias para as grandes escolas"; "Ensino de biologia" (v.8, n.16, 2015) e "Cultura, formação e mídia-educação" (v.8, n.17, 2015). Não obstante, é nesse con-

texto dinâmico que o dossiê “Cinema, interculturalidade e educação”, por nós organizado, insere-se no sentido de contribuir com o periódico e, por meio dele, colaborar com a sociedade.

Notas

1 <http://www.seer.ufs.br/index.php/revtee/index>;

2 <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5678343664528689>

3 <https://lappaufs.wordpress.com/>